



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração do Centro de Cardiologia do Hospital Sírio-  
Libanês**

**São Paulo-SP, 05 de dezembro de 2008**

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República e  
paciente do Sírio-Libanês,

Meu caro amigo José Serra, governador do Estado de São Paulo,

Minha companheira Marisa,

Deputado Arlindo Chinaglia,

Ministros aqui presentes: Dilma Rousseff, Temporão e Miguel Jorge,

Senadores Romeu Tuma e José Agripino Maia,

Deputado Paulo Maluf,

Prefeito Gilberto Kassab,

Senhora Ivete Rizkallah, presidente da Sociedade Beneficente de  
Senhoras do Hospital Sírio-Libanês,

Senhora Violeta Jafet, presidente honorária da Sociedade Beneficente  
de Senhoras do Hospital Sírio-Libanês,

Meu caro companheiro doutor Kalil – quem diria, nem bem cresceu  
ainda, já virou diretor-geral, talvez de um dos centros mais modernos de  
cardiologia do Brasil.

Eu acredito que todas as pessoas que foram convidadas aqui, sobretudo  
os políticos, já passaram por aqui como pacientes. E penso que todo mundo  
sabe, porque aprendeu aqui, que o tratamento diferenciado que os políticos  
têm aqui poderia ser estendido à grande parte do povo brasileiro, que não tem  
o privilégio de ser autoridade ou de ser pessoa de uma camada mais alta da  
sociedade. Ainda não conseguimos atingir esse padrão para o Brasil inteiro.



Eu me lembro de que em 1987 eu tive um problema lá em Brasília – eu era deputado – e foi a primeira briga minha com os médicos de Brasília, porque um médico que era deputado e que foi governador do Espírito Santo fez um exame para saber o que eu tinha, em cima da mesa da Liderança do PT, e ligou para um médico aqui, importante, e disse o seguinte: “Olha, eu estou mandando o Lula para aí, porque ele está com apendicite e eu acho que vai... ou já está supurada ou vai supurar”. E não sei porque me disseram que eu tinha que dizer que o melhor hospital lá de Brasília era pegar a ponte aérea e vir para São Paulo. Eu disse isso, e arrumei uma briga homérica com os meus companheiros médicos de Brasília. Talvez quem pediu para eu dizer quisesse que tivesse essa briga mesmo e desde então eu tenho, sempre que possível, sempre contra a minha vontade, passado aqui no Sírio-Libanês.

Tenho, e acho que todos nós temos muitos amigos aqui, e eu fiquei pensando naquilo que disse o ministro Temporão, naquilo que disse o doutor Roberto Kalil: que bom seria se nós pudéssemos acreditar, meu caro Temporão, que seria possível que nós tivéssemos alguns centros, ou alguns Hospitais Sírio-Libaneses espalhados pelo Brasil afora.

Se nós pudéssemos ter o dinheiro necessário para que a Saúde tivesse o tratamento necessário... Porque, lamentavelmente, quando se fala em colocar dinheiro na Saúde, normalmente se utiliza a palavra “gastar na Saúde” quando, na verdade, não existe investimento mais extraordinário do que salvar vidas. E essas vidas, bem tratadas, serão vantagens comparativas para o sistema produtivo de um país como o Brasil.

Só para vocês terem idéia, 17 estados brasileiros não repassam para a Saúde a quantidade de dinheiro necessário que têm que passar. Teriam que passar por volta de 12,5%, alguns estados passam 6%, e aí colocam quadra de basquete, colocam qualquer coisa, como se estivessem passando para a Saúde, eu diria quase que num total desprezo pela necessidade de salvar vidas que nós temos, de tantas pessoas que morrem às vezes por falta de um



mínimo de cuidado ou de um mínimo de atenção.

Então, ter aqui em São Paulo um hospital da qualidade do Sírio-Libanês, e inaugurar um centro de cardiologia que talvez seja o mais moderno do Brasil, é de pensar, meu caro Ministro da Saúde, meus companheiros, quantos hospitais destes precisam ser construídos em outros estados brasileiros para que a gente possa, definitivamente, servir também de espelho para o mundo no tratamento da saúde do nosso povo. Ainda estamos distante, porque ainda tem muita gente que acha que pobre não precisa de cuidado.

Tem muita gente que não sabe o que nós tentamos fazer com o SUS quando o aprovamos na Constituição de 1988, talvez esse Sistema que seja um dos melhores, talvez aquele que mais atenda aos pobres deste país, mas ainda sem os recursos necessários para dar o atendimento que nós gostaríamos de dar.

O Kassab é prefeito de uma cidade importante, sabe que já fez muito pela Saúde e sabe o quanto é preciso fazer para atender cada vez mais um número de contingentes, um contingente enorme de gente que vai crescendo na periferia. E ele sabe que cada vez mais ele é obrigado a colocar mais dinheiro, e cada vez mais o dinheiro é mais curto para atender à demanda da sociedade.

Eu faço parte daquele setor da sociedade que pode freqüentar este Centro de Cardiologia. Certamente por não ser palmeirense, vou sofrer um pouco menos e virei aqui um pouco menos. Você poderia fazer uma estatística para saber se é são paulino, corinthiano, palmeirense ou santista quem mais se interna aqui.

Mas eu queria falar um pouco do Kalil. Eu não sei como é que foi a votação para a escolha do Kalil. Não sei se foi voto secreto, não sei se foi por painel como no Congresso Nacional, não sei se foi eleição indireta, não sei se teve colégio eleitoral, mas eu queria dizer que, qualquer que tenha sido a forma para a escolha do Kalil, eu acho que a eleição e o resultado são extremamente



respeitáveis, porque eu conheço muita gente neste hospital, conheço muita gente no Incor, conheço muita gente importante na área da Saúde, muitos amigos... agora, eu penso que o Kalil é uma figura diferenciada.

Eu penso que o Kalil, dentre todos, é um menino que cresceu, cresceu briguento, ranheta, teimoso. É a única pessoa que consegue ser agressiva, rindo. Mas, ao mesmo tempo, eu acho que tem poucas pessoas – sem nenhum desprezo a nenhum outro companheiro – que têm a dedicação com seus pacientes que tem o companheiro Kalil. Poucas vezes... Não comigo, porque eu preciso pouco dele e Deus queira que eu só precise da nossa amizade. Mas pessoas humildes que chegam aqui, pessoas... deputados, senadores, ministros, e esse Kalil, 24 horas por dia, fica no pé dessa gente.

A cada hora que a gente liga, ele está aqui cuidando de alguém, vendo os pacientes dele. Várias vezes eu já convidei o Kalil para passear, para ir a Brasília para ficar um final de semana. “Não posso, Presidente, porque eu tenho paciente, não posso, Presidente, porque ele está mal”. É um cuidado quase de pai para filho, além da qualidade profissional do Kalil. Por isso eu acho que o Kalil ser escolhido como primeiro diretor deste Centro é a demonstração de que o Sírio-Libanês prima, não apenas pela excelência de seus equipamentos, pela excelência da formação das pessoas aqui, mas na hora de escolher, escolhe um companheiro que dentre todos... Certamente tem muitos iguais a ele, mas com o jeito do Kalil, somente o Kalil.

Por isso, querido companheiro, eu acho que você merece chegar onde chegou. Você é muito jovem, você é muito menino ainda. Parece um pouco mais velho, mas ainda é muito menino. Todo mundo que conversa comigo pergunta: “o Kalil está em fase de crescimento?” Eu falo: Está. Ele vai crescer um pouco mais. Mas eu acho que você não vai crescer de tamanho, você vai crescer profissionalmente, dirigindo este Centro de Cardiologia. E certamente, Kalil, o Brasil ainda vai ouvir falar muito de você. Durante quantos anos nós passamos ouvindo falar de um cidadão chamado doutor Adib Jatene... O



Jatene chegou, é daquelas pessoas que se alguém morresse nos braços dele, ele podia até estar errado, mas ninguém duvidava da capacidade do doutor Adib Jatene. E dizem que produziu um filho que consegue ser melhor do que ele.

Então eu acho, Kalil, que você vai fazer história pela capacidade de dirigir este Centro, pela capacidade no aprimoramento das pessoas que virão trabalhar neste Centro mas, sobretudo, pela quantidade de vidas que certamente vocês irão salvar neste novo Centro de Cardiologia do Sírio-Libanês.

Parabéns, dona Violeta. Parabéns, companheiros do Sírio-Libanês, da família Sírio-Libanês, e parabéns, doutor Kalil, por galgar esse importante cargo na área da Saúde do Brasil.

Um abraço.

(\$211A)